



Camara municipal de Derby

### CAMARA MUNICIPAL DE DERBY

É um dos mais notáveis edificios d'esta linda cidade ingleza, capital do condado do mesmo nome, situada á beira do Derwent no meio de uma

romantica paisagem, de campinas verdejantes com<sup>o</sup> são todas as da Inglaterra, paiz a que o céu neg<sup>a</sup> os sorrisos do claro sol meridional, mas onde a terra se reveste, em compensação, de um manto de fresca e viçosissima verdura, de que se não

podem ufanar as terras do sul, queimadas e re-queimadas pelos beijos de fogo do astro ardentissimo, que as inunda de luz.

O condado de Derby um dos do norte de Inglaterra (e distinga-se bem entre Inglaterra e Grã-Bretanha; porque esta ilha compõe-se de dois reinos unidos, Escocia e Inglaterra, ficando aquella ao norte, esta ao sul, de fórma que dizendo «norte de Inglaterra», dizemos «sul da Escocia») o condado de Derby, pois, é um dos mais curiosos e mais opulentos do territorio inglez; fazem-n'o assim as suas formosas paizagens, os seus magnificos prados, as vastas cavernas das suas montanhas, as numerosas cataractas dos seus rios, o desenvolvimento prodigioso da sua agricultura, o gráu elevado a que chegou a sua industria manufactureira. Abundam no seu territorio as aguas mineraes, as minas e as pedreiras de marmore; a exploração d'essas minas, e a criação de gados formam uma grande parte da riqueza do condado; as suas manufacturas de algodão, seda, e lã completam a lista das fontes principaes da sua opulencia e importancia.

A população do condado é avaliada em duzentas e sessenta mil almas, e a da sua capital em quarenta mil. Conta esta cidade muitos edificios notaveis, entre os quaes citaremos algumas igrejas, uma das quaes, a de todos os Santos, offerece um bellissimo specimen de architectura gothica, o hospital, a cadeia, o theatro, a sala das reuniões publicas, e a casa da camara, edificio de nobre aspecto, como os leitores podem ver pela gravura que lhes apresentamos

Conta esta cidade fabricas importantes de sedas e algodões, e uma fabrica de porcelanas, cujos productos rivalisam com os da China pela belleza da massa e vivacidade das côres.

Nos arredores de Derby, matizam a paizagem magnificos palacios, habitados pelos membros da aristocracia ingleza, residencias entre as quaes se tornam notaveis pela sumptuosidade o palacio de Kedleston-house, e pela sumptuosidade ainda maior, e pelas recordações historicas que o illuminam, o palacio de *Chasworth*, residencia do duque de Devonshire, e que servio outr'ora de prisão á formosa, á sympathica, á infeliz Maria Stuart.

### OS TRES ESTADOS

Assim como nos theatros, a um signal dado por um dos principaes personagens, a scena vê-se instantaneamente invadida pelos côros ou comparsas, que esperam aquelle signal entre bastidores, tal, ao resoar o grito da princesa, se precipitaram no quarto uma multidão de escravos, pagens e escudeiros.

Ainda apertava a mão da princesa, ao lado de cujo leito me achava ajoelhado. O meu delicto era, pois, flagrante e o castigo não se deveria fazer esperar.

—O que succede? exclamou com voz imperiosa um velho esqualido envolto em um magnifico chambre de cachemira e com uma espada nua na mão.

Immediatamente foi inteirado do successo.

—É claro, pois, continuou o velho, que esse miseravel ousou levantar os olhos para a princesa e procurava levar a cabo seus criminosos intentos. Vós todos, sois testemunhas do crime. Sêde tambem juizes. Que pena merece este escravo?

Aquella turba de servidores exclamou a uma voz, como um côro bem ensaiado:

—A morte!

—Que morte? Empalado, enforcado, queimado, esquartejado, ou morto ás páoladas como um cão?

—A morte do gelo! repetio o côro.

—Seja! Levai-o d'aqui e cumpra-se a sentença sem dilacão.

Aquelles energumenos precipitaram-se sobre mim e a empuxões me fizeram sair do camarim, atravessar varias salas, depois a galeria, descer a escada e passar o vestibulo.

Então apresentou-se-me á vista um espectaculo surprehendente!

Era uma immensa planicie, sem limites, sem horisonte, coberta completamente de neve, cuja alvura brilhava pallidamente á luz debil do crepusculo da manhã. Nem uma pedra, nem uma arvore, nem uma habitação interrompiam a magestosa uniformidade d'aquelle quadro, sobre o qual se estendia o firmamento transparente, onde começavam a empallidecer as estrellas ante os primeiros raios do dia.

Os meus olhos não se cançavam de contemplar aquelle maravilhoso panorama.

No entretanto, os que me conduziam haviam plantado na neve um grande madeiro. Terminada esta operação despojaram-me de todos os meus vestidos e ataram-me fortemente áquelle poste. Então deram-se as mãos e começaram, em roda de mim, uma dança frenetica, infernal, dando gritos descompassados e gargalhadas estridentes.

Eu sentia um frio horrivel, espantoso!

—Água! agua! gritaram os meus verdugos.

A estes gritos alguns da comitiva desapareceram para voltarem d'ahi a pouco com grandes vasilhas cheias de agua.

Foi então que rompeu o verdadeiro supplicio.

Começaram, com refinada crueldade, vertendo sobre mim, lentamente e a pouco e pouco o liquido que, n'aquella temperatura, ao cair se congelava.

E a dança, e as gargalhadas continuavam sem interrupção.

Parecia que a agua me abrasava as espadoas como um ferro candente ao cair sobre ellas.

O sangue regelava-se-me nas veias, os membros adquiriam paulatinamente a dureza e a solidez do gelo, o calor abandonava-me pouco a pouco, a vida extinguia-se e eu sentia que ella me fugia.

Ao cabo de alguns minutos d'aquelle horrivel tormento, o meu corpo assemelhava-se a um mótrco informe de gelo nauseabundo e frio.

E comtudo, minha alma continuava habitando n'aquella disforme corpo e sentia tudo o que se passava em roda de mim.

Assim, ouvi os meus algozes, que diziam:

—Morreu! Acabou-se-nos o divertimento.

E desapareceram.

A vasta planura ficou solitaria e só estorvava a sua monotonia o grande madeiro a cujos pés eu jazia convertido n'um deforme pedaço de gelo.

Não posso dizer quanto tempo assim estive.

Por fim um raio de sol illuminou aquelle horizonte de bruma e neve, deslumbrando a vista ao reflectir-se n'esta.

Quando o doce calor do astro do dia chegou a temperar o frio que eu tinha, experimentei um consolo inexplicavel.

A neve começava a derreter-se e a verde alfombra do prado apparecia pouco a pouco.

Uma idéa desconsoladora se apoderou de mim ao ver isto. Sou um bocado de gelo, pensei, e o sol vai derreter-me.

Quiz mover-me. Impossivel. Era uma estatua dura como o marmore.

A neve havia formado um arroio que se desliza por entre a herva.

Se me derreto, continuei pensando, irei com esse arroio até ao rio e do rio ao mar.

Não tardou muito tempo que não augmentasse o calor do sol. Senti que o gelo do meu corpo começava a abrandar. Depois fui-me convertendo em liquido, perdendo pouco a pouco o estado solido. E, como o havia adivinhado, uni-me à neve derrelida que formava o arroio.

Que sensação tão agradável! Sentia uma infavel doçura ao ver a facil mobilidade do meu corpo.

—Vem comnosco, me disseram as aguas do arroio. Vamos ver as margens do rio para nos perdermos depois na immensidade do oceano.

Com effeito, em pouco o arroio juntou suas aguas ás do rio e me arrastaram pela corrente d'este. Milhares de flores desconhecidas cresciam por entre os juncos de suas margens e os passarinhos saltavam pela relva. Alguma vaca, cujo lombo parecia nevado, ou algum cervo de grandes hastes vinham beber ao rio. Um mancebo cantava em quanto a corrente fazia andar o seu tosco barco; e era tão formoso o prado, tão odoriferas as flores, tão bello o ceu azul que se reflectia em nós, aguas do rio, e tão agradável o calor do sol que parecia acariciar-nos com os seus raios, que me sentia feliz, muito feliz!

—Adeos, me disseram as aguas que antes me tinham fallado. Vamos correr o espaço e vaguear sobre as nuvens. Prestes virás fazer-nos companhia. Adeos.

E com effeito, evaporaram-se ao dizerem-me estas palavras e desapareceram no ar.

Brevemente me chegou a vez. Senti que me tornava mais incorporeo, mais impalpavel, perdendo a consistencia, porém adquirindo mais mobilidade e subtilidade.

Tinha passado ao estado de gaz.

As filhas do ar me receberam em seus braços

e subimos ás alturas por um raio de sol que nos servia de escala. A sua luz os nossos vapores se tingiram de uma formosa côr de violeta que encantava a vista.

—Nós, me diziam algumas filhas do ar, somos os aromas que exalam as flores dos prades.

—Nós, murmuravam outras, somos as harmonias do espaço.

—Somos suspiros de amor, diziam outras.

—Do mar nascemos ao evaporarmo-nos.

E entretanto, percorriamos o firmamento, lentamente levadas nas azas da brisa.

De repente senti um horrivel sacudimento. Todas nós estremecemos comprehendendo o perigo.

O furacão chegava mais furioso que nunca: os seus braços robustos impelliram-nos com violencia.

Subito, sentimos que o fogo do raio rasgava a nuvem que formavamos. E levadas pelo furacão, andando mais rapidas do que o pensamento pela immensidade do espaço, vimos ao longe outra nuvem impellida para nós com a mesma violencia que nós para ella. Tremiamos de medo, porém era-nos impossivel evitar a sorte.

Eram sem duvida dois furacões inimigos que vinham ás mãos. A lueta foi espantosa. A nuvem contraria avançava para nós cada vez mais rapida e ameaçadora, vomitando raios medonhos e brilhantes centelhas que vinham ferir-nos com o seu fogo. Nós imitando os seus rugidos de colera, e seus silvos discordantes lhe lançavamos também ardentes raios para deter-lhe o andar. Tudo em vão: cada vez parecia mais perto, e ameaçava destruir-nos.

O que ia ser de nós quando as duas nuvens se encontrassem?

Os raios multiplicavam-se. A nuvem vinha sobre nós com horroroso fragor. Um momento mais e a espantosa catastrophe verificava-se.

Passou um segundo de cruel agonia.

As duas nuvens combateram. Ambas se queimaram no fogo dos seus raios, e bramindo de colera se aniquilaram com a sua violencia.

Senti um espantoso abalo, julguei arder no fogo do raio, o impeto do choque desfez os meus atomos gazosos...

E acordei.

## UM DIA DE INVERNO

### Meditação

A neve estendeu sobre o solo a sua pallida mortalha. Os alegres habitantes dos ares desapareceram. O insecto já não zumba ao sol. Parece que a morte invadio a natureza.

Quanto esta apparencia é enganadora, e nos occulta, ó Deos, os mysterios da tua actividade! No momento em que a vida parece suspensa exteriormente, tu, nas profundezas inaccessiveis á vista, lhe fazes operár os seus milagres. Os renovos que tens feito nascer sobre os ramos, no momento em que as folhas seccas vacillavam sobre as hastes, intumescem-se lentamente sob o seu manto protector e pre-

sagiam, no meio da desolação do inverno, as riquezas da primavera.

Assim a corrente da vida prosegue no seio da humanidade, nas próprias épocas em que parece estar em completa estagnação. Na família, na sociedade, a obra do desenvolvimento e do progresso avança sem interrupção. A família renova-se pelas creanças, grata esperança do futuro, quando os seus chefes abatidos pela idade e pelas enfermidades se dirigem para o tumulo.

Logo que uma sociedade envelhecida, uma civilização antiquada, que parece ter esgotado toda a seiva de um povo, soffre a decadencia e a dissolução, uma nova sociedade, cheia de ardor e de vitalidade, germina e brota, e prepara em silencio uma nova era de prosperidade.

Cousa alguma poderia, pois, ó Pai todo poderoso, abalar a nossa confiança no futuro. Como a innocente andorinha nascida sob as nossas telhas partio este outomno, dirigindo-se para regiões que nunca vio, mas onde a conduzio o instincto que lhe deste, onde achou um sol mais agradavel e sustento mais abundante, nós tambem queremos caminhar, sob tua paternal direcção, para uma ordem melhor de cousas, certos de attingir e de achar ali uma compensação superabundante a nossos esforços, a nossas fadigas, a nossos soffrimentos.

### A NATUREZA

O espectáculo da natureza não é a prova unica da vontade e do poder divinos; mas é a mais evidente para o maior numero dos homens: attendendo nas maravilhas da criação, os seus olhos, assim como a sua intelligencia proclamam o Deos creador.

As objecções embotam-se, os sophismas despedaçam-se contra um argumento sensivel e palpavel, que não exige esforço algum de abstracção. Eis aqui a obra: acredito no obreiro: A obra é cunho de grandeza, bondade e providencia: creio que o obreiro é todo poderoso, todo sabio, todo bom.

Os céos, onde a divina mão tem suspensas milhões de estrellas, onde collocou, como sob uma abobada reluzente, o sol que allumia o nosso mundo; a terra, nutrix bemfeitora, amiga cuidadosa, que esparge os thesouros do seu seio em flores odoríferas, em frutos deliciosos; o mar, elemento terrivel e enganador, que faz vãos esforços para arrombar a sua prisão, que brame agitado pela tormenta, ou se mostra lizo como um espelho; tudo isto, em fim, não nos está a todo o momento patenteando o Supremo Poder, cantando a sua gloria, obrigando-nos a reverenciar o Deos occulto?

E se, commovidos d'este grande espectáculo, procuramos estudar-lhe o machinismo, com que admiração não notamos nós a ordem que sustenta o universo! O astro, sempre o mesmo e sempre novo, como vem todos os dias mimosear-nos com os brilhantes raios da sua luz fecunda! Como o oceano, escravo submettido, avança e se retira às

horas que lhe fixa uma lei mysteriosa! Como a terra, para produzir o trigo, sustento do homem, recebe annualmente os thesouros do ar, chuva e calor, alimenta a semente que o lavrador lhe confia, fal-a subir em herba, em espiga, em dourada ceifa!

Ah! maldito o coração rebelde que se não abraça a provas tão claras; maldito o homem que não dobrasse os joelhos diante do author d'estas maravilhas e que não rendesse homenagem ao Creador, ao Conservador do universo!

### INSTRUÇÃO NA INDIA

Ha alguns annos a esta parte que os Indios se mostram avidos de instrucção. As creanças frequentam assiduamente as escolas e os collegios de Calcutta, Pounah, Delhi, Agra e Bénarés. Um habitante de Surate deu trinta contos de reis para a criação de um collegio n'esta cidade; um Parsi offereceu vinte e quatro contos, para serem applicados na educação de cinco indios em Inglaterra; Prema-Chodra deu noventa contos para o estabelecimento de uma bibliotheca em Bombaim; Mohamed-Habil-Bhay legou cento e treze contos para a fundação de uma escola na mesma cidade. Em Lacknau, Lahore, Barhampur, Bombaim, Allahabad, etc., todos os dias apparecem novas casas de instrucção. Emfim, parece que o mundo velho accordou do profundo lethargo em que jazia e quer tomar parte na grande obra da civilização.

### VOLTAIRE

Voltaire é um d'esses vultos gigantes que á proporção que os seculos decorrem vão patenteando novas bellezas. Como as estatuas colossaes que, vistas ao perto, ferem pelo que se nos affigura incorrecção e rudesza, mas que a distancia deslumbram e avassallam pela magestade do porte e pela harmonia das formas, assim elle hoje se nos apresenta, grandioso e sublime.

V. Hugo verberou-o aos vinte um annos, para aos sessenta o divinizar. O que lhe dera mostras de um iconoclasta, transfigurou-se-lhe em apostolo; o que lhe parecera vibrar na dextra o camartello derubador das crenças, revelou-se-lhe mais tarde como obreiro do progresso, do bem, da liberdade na justiça, da redempção social.

A posteridade quando observa estas creaturas prodigiosas, não tem que attentar nas leves maculas que podem empanar-lhes o semblante; deve só ver a maior ou menor intensidade do rayo luminoso que lhes dardejou na fronte, e que servio de farol e de estrella aos peregrinos do mundo.

Francisco Maria Arouet, celebre pelo nome de Voltaire, nasceu quando o mundo illustrado começava a respirar livremente á sombra de Locke e de Newton. Bolingbroke popularisara a philosophia de Shaftsbury, Bayle ainda não esfriara na sua cova, o norte agitava-se e indagava o porque das cousas, com a severidade da razão inflexivel, e a França vergava sob a influencia jesuitica.

É preciso insistirmos no espirito do seculo XVIII



Voltaire

para podermos comprehender a missão de Voltaire.

O seculo XVIII está entallado entre Luiz XIV e Buonaparte. É uma quadra de fermentação, de elaboração vastissima e profunda, em que as fezes sobrenadam, em que as torpezas abundam, em que os animos periclitam, em que vemos ouzados os mais rebustos espiritos; quadra, emfim, de gestação, cujos symptomas são em tudo analogos aos que a historia do seculo XV nos apresenta muitas vezes.

A sua face politica é esta: — «Escandalos da Regencia, ignominias de Luiz XV, despotismo no ministerio, violencia nos parlamentos, perda da força, a corrupção moral descendo da cabeça ás entranhas, da nobreza ao povo; os prelados cortezãos, os abbades galanteadores; a velha monarchia, a sociedade velha cambaleando sobre esta base commum.»

Arouet, nascido com todo o talento dos predestinados, sentiu a necessidade de uma reconstrucção social. O genio dera-lh'o Deos; moldou-lh'o o seculo.

O que fazer em meio da degeneração e da crapula? o que fazer, quando a torrente lavrava desenfreada e caudalosa? deixar-se arrastar ou pôr-lhe dique? Ergueu a voz, proclamou os direitos humanos, lidou pela verdade, soffreu por ella, fez d'ella a sua dama, e defendeu-a com a galhardia de um campeador esforçado, levantou o homem pela razão, e para elle fundou o grande monumento da civilização moderna.

A encyclopedia devia de ser um marco miliar; as suas quatro faces mostravam os quatro pontos cardeaes do progresso; de cada uma d'ellas partia o seu defensor e operario.

É como diz V. Hugo n'uma synthese eloquentissima: — «Diderot caminhava para o bello, Turgot para o util, Voltaire para o verdadeiro, Rousseau para o justo!»

Este é que era o verdadeiro grupo philosophico. Quem grasnava, quem vociferava, quem apedrejava, quem se apregoava atheu e retorcia o bigode, eram os sophistas, os especuladores, os escrevinhadores diffamatorios, os que saíam do lodo, ainda sujos, para manchar o edificio a que indignamente se acostavam.

Os que haviam protegido e amparado o *Jornal de Trévoux* e a *Gazeta Ecclesiastica*, os que haviam dado missão a Pompignan e a Palissot para insultarem na academia e no theatro os philosophos da Encyclopedia, esses taes, quando viram succumbir a grande obra, tripudiaram no cumulo da sua alegria pharisaica. Depois veio a revolução, e esses mesmos humanitarios, esses tonsurados de todas as épocas, foram sentar-se no adro das suas ermidas milagrosas, e praguejaram contra a 93 que era o parto damnado da philosophia voltaireana. Coitados! Mal sabiam elles que a 93 era o fructo d'aquella arvore grandiosa, amadurecido ao sol de Deos para alimento de todos. O tempo encarregou-se de mostrar esta verdade; e o sangue do ultimo rei comprou barato a civilização e a liberdade.

Isto é ao que me parece, o verdadeiro sentido philosophico do seculo XVIII. Naquella época ou pensador ou jansenista, ou luz ou sombra, ou fogo ou lodo. Quem se não chama d'Alembert appellida-se Fréron; quem não é Helvecio é Patouillet. Boileau e Racine haviam sido os poetas da Côte; Voltaire devia de ser o poeta da humanidade.

Poeta quer dizer apostolo, no sentido remontado.

Eis o poder dos tempos, eis a necessidade dos acontecimentos. Nenhum homem apparece com o seu character definido; definem-lh'o as circumstancias. Goldsmith diz graciosa e profundamente: «Cesar, nascido hoje, seria sargento de milicias; Cromwell, talvez regedor de parochia.»

A philosophia voltaireana é a filha legitima do seu seculo. As torpezas da Regencia criam a Revolução, como as iniquidades dos Borgias originam a Reforma. Voltaire é a grande linha de união lançada entre aquelles dois extremos, como Savonarola a havia sido entre estes dois ultimos.

Tal é, se eu não me engano, a face politica ou social de Voltaire. O seu primeiro grito de guerra cifra-se n'estes dois versos memoraveis:

«Nos prêtres ne sont pas ce qu'un vain peuple pense:  
Notre crédulité fait toute leur science.»

D'ahi resultou a lucta que se estendeu por tantos annos, e que veio terminar, ao cabo, pelo triumpho completo da razão sobre os mantenedores do obscurantismo.

Tracemos agora rapidamente as principaes linhas da sua physionomia litteraria.

(Continua.)

E. A. VIDAL

## PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

(Conclusão)

## VII

O capitão Viarmont franziu o sobrolho.

— Senhor, disse elle, não lhe aconselho que me escolha para seu confidente. Se Alexandre Dumas viesse na expedição, era provavel que elle accettasse com muito gosto o papel, que me quer ver desempenhar. As suas aventuras de certo serviriam para um romance em vinte volumes, e, attendendo a isso, Alexandre Dumas ouvil-o-hia com summo interesse. Eu, que não preciso de fazer romances, confesso-lhe que de bom grado dispenso as confidencias dos carrascos.

Perez Lorenzo não mostrou resentir a injuria.

— É breve a minha historia, tornou elle, e preciso de lh'a contar. É um moribundo quem lhe falla, capitão Viarmont.

Estas palavras produziram no official francez uma profunda impressão. O mexicano possuia o condão especial de exercer uma incomprehensivel influencia em todos quantos se approximavam d'elle. Os grandes infortunios tem estas propriedades, para assim dizermos, magneticas.

Silencioso, o capitão Viarmont seguiu o mexicano. Os soldados francezes, com licença do coronel, e com o genio aventureiro que os caracteriza, tinham debandado, escolhendo pares entre as gentis mexicanas, que facilmente se consolaram da inesperada substituição. O guitarrero, recobrando-se do susto, e percebendo que era inviolavel, graças á sua qualidade de trovador, e á precisão que os dançadores tinham d'elle, recostou-se de novo junto da fogueira, e continuou a musica interrompida. Só os guerrilhas, acorrentados e guardados á vista por quatro ou cinco sentinellas, devoravam em silencio a sua ira, e, vendo a facilidade com que as mexicanas os tinham olvidado, pensavam naturalmente de si para si o que Francisco I escrevia nas paredes de Fontainebleau:

*Souvent femme varie  
Bien fol est qui s'y lie.*

Entretanto Pérez Lorenzo e o capitão Viarmont tinham-se afastado da clareira illuminada, e, internando-se no bosque, tinham-se ido sentar junto de uma pimenteira, que entornava sobre elles a sua urna de penetrantes atomas. A melancolica musica da guitarra, assim ouvida ao longe, resoando no meio da ineffavel serenidade de uma noite dos tropicos, casava se de um modo suavissimo com a doce melodia da brisa, suspirando brandamente nas folhas do arvoredor. A lua, resvalando no azul do ceu, envolvia a paizagem no seu manto de candido fulgor.

Perez Lorenzo relanceou em torno de si um olhar saudoso, e como que pareceu querer impregnar-se bem na poesia immensa da sua patria, que elle ia trocar pelas desconhecidas regiões da eternidade.

Depois, passando a mão pela testa, como para

affugentar esse pensamento, voltou-se para o capitão, e disse-lhe ex-abrupto:

«A minha vida resume-se em duas palavras só «Amor e vingança.» Não leva tempo a narrar. Nasci n'esta formosa terra, que tão dilacerada tem sido pelas facções. Conservei-me estranho sempre á agitação revolucionaria. Não podia mesmo comprehender a frenetica loucura, que as vaidades da politica accendiam no animo dos meus patricios. Eu preferia apenas as doces loucuras do amor. Quem me diria que havia de chegar um instante em que teria de me arrojara a esse mar das revoluções, cujas tempestades me apavoravam, e cujos sorrisos mentirosos me não conseguiam attrahir? Ah! quando a procella ruge embravecida, quando as ondas quebram furiosas nos fragedos, despedaçam juntamente o navio que as affronta, e o pobre barquinho fundeado, que se abriga no porto.

«Amei quasi desde criança uma formosa menina, minhã vizinha. Carmen se chamava ella. Era linda como os anjos, casta e meiga como a Virgem da Guadalupe. Requestrava-a tambem esse Juan Pablo, cujo cadaver se baloica agora ao sopro das auras; mas já então era conhecido pela sua indole sanguinaria, e dizia-se que a sua carabina não estava immaculada. Vingativo e dissimulado, a mais leve injuria, que lhe fosse dirigida, ficava para sempre registrada na sua memoria; mas sorria-se para aquelle que o injuriava, até que chegasse o instante em que podesse traiçoeiramente, emboscado por tras de uma sebe, atravessar o peito do inimigo, que o olvidara já, com duas ballas da sua carabina, certa como se o demonio mesmo lhe dirigisse a pontaria.

«Carmen despresava completamente o seu galanteador. Seus pais preferiam vel-a morta a vel-a unida a tão vil creatura. Eu, pelo contrario, era acceto com muito gosto por toda a familia. Não houve por conseguinte a minima opposição ao nosso casamento. Mas, no dia em que nos recebemos em Medellin, Juan Pablo esperou-nos á saída da igreja, e deu-nos os parabens, sorrindo-se amavelmente com esse sorriso, que para tantos significara a morte.

«Os meus amigos empallideceram ao verem-n'o, e um d'elles, approximando-se de mim, disse-me em voz baixa. «Acautella-te, Perez Lorenzo! Introduzio-se a vibora nas flores do teu dia nupcial.» Eu encolhi os hombros, e relanceei um terno olhar para a minha desposada. Ao vel-a tão bella com a sua grinalda de flores de lorangeira, com tão doce sorriso nos labios de romã, com tão nacaradas rosas nas faces levemente morenas, quem havia de dizer que tão cedo m'a havia de roubar Deus! Ai! quando o ceu está azul, e as estrellas scintillam, como fructos de ouro, por entre a folhagem das arvores, quem se lembra que ha de vir o bulcão turvar essa augusta serenidade?»

Perez Lorenzo interrompeu-se por um instante e duas lagrimas deslisaram-lhe dos olhos, tanto tempo esbrazeados pelo sopro das más paixões. A proximidade da morte soltava as lagrimas reprimidas, que lavariam, quem sabe! aos olhos de Deus misericordioso, os crimes da sua existencia.

Viamont ouvia-o com interesse, singular influencia do amor! Essa palavra só basta para levantar na nossa estima o criminoso mais vil. O amor e o patriotismo transformam n'um heroe um assassino.

«Correram os primeiros mezes do meu casamento na mais inalteravel tranquillidade. Todo entregue ás inebriantes delicias d'esse amor, que fôra a minha vida, nem pensei uma vez só nas ameaças, que o sorriso de Juan Pablo encerrava em si. Os meus proprios amigos, se bem que mais cautelosos chegaram comtudo a pensar que o meu vingativo rival tinha olvidado, ou pelo menos adiado indifinidamente a sua vingança.

«Foi por este tempo que rebentou a guerra entre o Mexico e as tres potencias europeas. Não-lhe contarei as particularidades d'ella. Sabe-as melhor do que eu, a quem, devo confessa-lo, eram completamente indifferentes esses grandes abalos politicos. Uma noticia me preocupava muito mais do que o desembarque do exercito francez, inglez, e hespanhol, do que o convenio da Soledade, do que o desastre do general Lorencez, do que a chegada do general Forey. Essa noticia, pela qual eu olvidava todos os desastres do meu paiz, essa noticia que me fazia exultar quando a patria estava em lucto, essa noticia ineffavel dêra-m'a Carmen, havia pouco tempo, com as faces affogueadas nas rosas do pudor; ia ser pai! A imagem d'esse anjo alvo e loiro, pendurado do seio maternal, como uma abelha do calice de um lyrio, não me deixava ver a imagem do Mexico vertendo sangue pelas largas feridas, que lhe abria a espada do estrangeiro. Castigou-me Deus talvez por essa culpavel indifferença.

«Juan Pablo, desde o principio da lucta, cedendo aos seus instinctos de rapina, lançou-se, acompanhado por alguns da sua laia, nas florestas, onde reunio dentro em breve uma forte guerrilha. Os incendios, as devastações começaram a assignalar a passagem d'esse terrivel bando. Quando de subito se via o ceu avermelhado das bandas do norte, do sul, ou do oriente, quando uma lingua de fogo brotava nas plantações, e, correndo com a rapidez do relampago lambia os cafezaes, ou os canaviaes do assucar, já se sabia que n'essa noite vagueara Juan Pablo, com o seu facho fatal, nas campinas dos arredores de Medellin.

«Mas uma coisa se notava, Juan Pablo escolhia escrupulosamente as plantações a que deitava fogo, e o raio da sua ira caia sempre sobre aquelles que se tinham ligado ao estrangeiro. Juan Pablo não queria por forma alguma tirar aos seus actos mais terriveis a côr patriótica. Nisso estava a sua segurança. Se o não fizesse não tardaria muito em ser entregue nas mãos dos Francezes. Mas o astuto bandido tinha as sympathias da população, que via n'elle o heroe e o vingador da sua nacionalidade.

«Por isso eu estava seguro. Ainda que indifferente aos negocios politicos, a marcha triumphal de Forey tinha produzido em mim uma profunda impressão. Acordou no meu espirito com certa vi-

vacidade o sentimento patriótico, ao ver para sempre destruida a republica mexicana. Não occultei as minhas sympathias pela causa nacional, e cheguei a dizer que, se me não retivessem minha esposa e meu filho (já fallava n'essa querida criança como se a tivesse nos braços) iria alistar-me no exercito da independencia. Estes sentimentos expressos em voz alta collocavam-me até debaixo da severa vigilancia da policia franceza. De Juan Pablo, o patriota, que podia eu temer?

«Uma noite estava eu junto da janella conversando com minha esposa e fazendo mil projectos sobre a futura sorte do nosso filhinho, quando os ladridos desesperados dos cães nos revelaram que havia alguma coisa de novo. Carmen descorou, e chegou-se para mim, relanceando em torno de si os olhos, em que se reflectia um vago terror.

«As portas da herdade estavam abertas. Como disse, nada julgava ter que recear. Mas, conhecendo a intelligencia dos cães, suppuz que eram francezes os visitantes. Os meus cães consagravam um odio mortal ao uniforme francez.

«—Alguma visita domiciliar da policia! disse eu, encolhendo os hombros.

«É dirigi-me para a porta, a fim de a abrir eu mesmo.

«Mas Carmen cingio-me com os braços, e, toda tremula como se um estranho presentimento a assaltasse, não consentio que eu desse um passo, e, escondendo a cabeça no meu peito, desatou a chorar.

«Os cães tinham-se calado de subito. Reinava na habitação um profundo silencio, mas um d'estes silencios que precedem as tempestades.

«Effectivamente não durou muito a calmaria. As portas da sala abriram-se com fracasso, e vi luzirem na sombra as pupillas de tigres dos guerrilhas mexicanos, que se affastaram para deixarem passar um homem, que avançou, sorrindo-se graciosamente, até ao meio da sala.

«Carmen soltou um grito horrivel, eu brami um rugido suffocado. Esse homem era Juan Pablo.

«Soára emfim a hora da vingança. A chamma, que eu julgara abafada debaixo das cinzas, fôra lavrando, lavrando, até irromper medonha, fatal, na propria accasião em que seriam mais pungentes para mim as agonias da desgraça.

«Que lhe hei de eu dizer mais, capitão? continuou Perez Lorenzo com voz suffocada. Adivinha de certo que, a pezar da minha resistencia, fui agarrado, prezo a uma arvore, e que tive de assistir rugindo de furor ao incendio da plantação. Mas o que não adivinha de certo é que, por um requinte inaudito de barbaridade, tive de assistir á deshonor, á profanação da casta companheira do meu leito, que a vi estorcer-se, louca de desespero, nos braços dos infames, e que elles, possuidos verdadeiramente da embriaguez do crime, depois de terem saciado os seus torpes appetites, a sua brutta sensualidade, rasgaram o ventre de Carmen, e arrancando das tepidas entranhas, santo ninho onde palpitava ainda implume essa candida avesinha que havia de ser a pomba da nossa arca, arrancan-

de 1 ano de idade, e a criança de 1 a 2 anos de idade...

— Furtivo, e a criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

NOTA

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

EXIBIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

P. S. ANTONIO VIEIRA

— A criança de 1 a 2 anos de idade...

P. S. ANTONIO VIEIRA

— A criança de 1 a 2 anos de idade...